



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Alves Júnior, José Antônio
Aspectos histórico-discursivos do Sem-Terra
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 30, núm. 2, 2008, pp. 237-239
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426640014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Aspectos histórico-discursivos do Sem-Terra

FERNANDES, Cleudemar Alves. *(Re)tratos discursivos do sem-terra*. Uberlândia: Edufu, 2007. 188 p. ISBN 978-85-7078-145-1

José Antônio Alves Júnior

Universidade Federal de Uberlândia, Av. João Naves de Ávila, s/n, 38408-902, Santa Mônica, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: alves-jr@hotmail.com

O livro *(Re)Tratos discursivos do Sem-Terra*, do professor Cleudemar Alves Fernandes, é um importantíssimo estudo da formação discursiva do Sem-Terra com foco nos aspectos linguísticos e históricos próprios aos movimentos de trabalhadores rurais que esses sujeitos integram. Publicada pela Edufu em 2007, a obra resulta de um projeto de pesquisa intitulado *Interação social e formação discursiva do Sem-Terra*, coordenado pelo autor junto ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta obra, a análise do discurso francesa é tomada para sustentar a análise do *corpus*, constituído de entrevistas com sujeitos Sem-Terra integrantes do Movimento de Luta pela Terra no Triângulo Mineiro. Pautando-se em referências para os estudos do discurso, o autor procede à análise do discurso do Sem-Terra, tendo como foco a constituição histórica desses sujeitos e dos grupos sociais de que participam. O autor mostra como esses sujeitos e suas práticas discursivas sofrem (trans)formações no cenário político e social brasileiro. Questões de caráter histórico-sociais, culturais e ideológicas, que constituem as condições de produção dos discursos na Análise do Discurso, são abordadas para se compreender o processo de constituição desses sujeitos e suas ações no interior das formações discursivas no movimento dos Sem-Terra.

Organizada em cinco capítulos, sendo o quarto dividido em 12 tópicos, a obra contém reflexões teóricas sobre as noções de formação discursiva, condições de produção, sujeito e sentido com base nos estudos de Michel Foucault e Michel Pêcheux; há também um capítulo que sintetiza a noção de interação verbal da obra de Mikhail Bakhtin. As reflexões teóricas balizam a análise das condições histórico-sociais próprias à formação discursiva do Sem-Terra, marcada por constantes (trans)formações.

O primeiro capítulo, sob o título *Formação discursiva e outras (trans)formações*, discute a noção de formação discursiva pautando-se em Pêcheux e

Foucault. Este capítulo problematiza os elementos integrantes da formação discursiva, que, segundo Pêcheux, refere-se ao que se pode dizer em determinada época e ao que tem lugar e existência a partir de condições específicas, historicamente definidas. O social e o ideológico possibilitam falar em discurso, e diferentes discursos integram diferentes formações discursivas, caracterizadas como heterogêneas e complexas. No interior de uma formação discursiva, sujeitos enunciam marcando diferentes posições, revelando embates e produzindo sentidos opostos e/ou divergentes. Acrescentam-se a essas questões reflexões oriundas de Foucault, para quem os discursos e os enunciados produzidos no interior das formações discursivas são acontecimentos marcados por descontinuidade e dispersão, sofrem formação e transformação, e seus sentidos jamais são alcançados em sua totalidade. A formação discursiva implica regras e regularidades que refletem as condições de possibilidade para os discursos que têm, nela, seu lugar e sua regra de aparição, pois, como mostra Foucault *apud* Fernandes (2007, p. 23), “o discurso é sempre um já-dito, apagado e esse já-dito é sempre um jamais-dito”.

O segundo capítulo apresenta sucintamente três formas de tratamento ao termo interação nos estudos linguísticos, com destaque para a noção de interação verbal de M. Bakhtin. Segundo o autor, há uma acepção de caráter geral ao termo interação, sem a preocupação teórica e conceitual; uma ligada ao interacionismo simbólico de Erving Goffman; e a teoria da interação verbal proposta por M. Bakhtin, bastante recorrente entre linguistas.

A Análise do Discurso considera importante, para a compreensão da constituição do sujeito discursivo, a noção de interação social verbal bakhtiniana. A interação social, que envolve o sujeito em suas relações cotidianas com outros sujeitos, é responsável por toda organização da enunciação e da expressão, o que contribui muito para a Análise do Discurso por excluir a concepção de sujeito como

centro organizador de sua subjetividade. No social, os sujeitos constroem a interação por meio de uma relação dialógica em que se constituem para si e para os outros, caracterizados como polifônicos.

No capítulo intitulado *Um pouco de história*, terceiro da obra, Fernandes faz alguns apontamentos históricos sobre os movimentos dos trabalhadores rurais Sem-Terra, focalizando a constituição do sujeito e as (trans)formações decorrentes da inscrição histórico-social desses sujeitos nos acampamentos, em especial, os sujeitos acampados no Triângulo Mineiro. O autor evidencia que a luta pela posse da terra desencadeada no Brasil nas últimas décadas tem antecedentes históricos no Brasil Colônia, momento em que índios e escravos lutavam contra bandeirantes e colonizadores pela liberdade associada à posse da terra. O aparecimento desses movimentos deve-se à modernização da agricultura e à criação de agroindústrias; a maquinaria usada na execução das tarefas rurais é apontada como o grande fator de expropriação do trabalhador rural da terra. Sem trabalho, sem terra para produzir, ou na condição de boia-fria (mão-de-obra barata), esses trabalhadores vislumbraram a oportunidade da reconquista da posse da terra nos movimentos de luta.

Quanto aos acampamentos dos Sem-Terra no Triângulo Mineiro, que constituem alvo da pesquisa de Fernandes, interessam particularmente ao estudo realizado na obra as ocupações das fazendas Capoezinhos e Porto Feliz, no município de Santa Vitória, e da fazenda Vargem do Touro, no município de Gurinhatã, cujos sujeitos têm seus discursos tomados como objeto de análise. As ocupações desencadeadas nessa região foram conduzidas com o apoio do Partido dos Trabalhadores (PT), da Animação Pastoral Rural e de trabalhadores de outros assentamentos. A característica plural dos movimentos acentua a complexa constituição do sujeito Sem-Terra, aspecto observado no próximo capítulo.

O quarto capítulo volta-se para o discurso do Sem-Terra e trata do sujeito em diferentes cenas enunciativas, evidenciando os aspectos histórico-sociais, culturais e ideológicos que constituem a formação discursiva do Sem-Terra. O capítulo está dividido em 12 tópicos, cada um deles focaliza dêiticos temporais e espaciais que remetem a uma temática específica no discurso do Sem-Terra. Os dêiticos possibilitam, na análise da formação discursiva em questão, situar os sujeitos em diferentes lugares, explicitando a complexa constituição provocada pela interação com o outro.

Para a análise das entrevistas com os Sem-Terra,

neste capítulo, foram feitos recortes de fragmentos do discurso desses sujeitos, em que os dêiticos selecionados, além de efetuarem referência a tempo e espaço, reportam às condições de produção do discurso analisado. Os aspectos abordados permitiram o acesso às diversas situações sociais do Sem-Terra, expondo experiências individuais e grupais dos sujeitos no acampamento.

Em alguns fragmentos analisados no capítulo, os dêiticos levam o sujeito a situar-se no passado, em busca de restabelecer condições de produção passadas. Esse resgate aponta para uma memória social-coletiva no discurso do Sem-Terra, que, segundo Fernandes (2007, p. 93), “constitui-se de experiências comuns aos sujeitos integrantes de um mesmo grupo, com base em suas vivências”. Formas de organização do trabalho como o mutirão, a demão e a tração são eventos sociais que visam a resgatar aspectos socioculturais de um mundo praticamente extinto para o Sem-Terra.

As mudanças nas condições de existência passadas revelam sujeitos destituídos de seus lugares de origem. Deslocados para a cidade, esses sujeitos não conseguem adaptar-se às novas exigências para a inserção ao mercado de trabalho urbano. Não se adaptam nem mesmo “à condição de mão-de-obra desqualificada, pois são, em sua grande maioria, analfabetos” (Fernandes, 2007, p. 106); assim, a cidade representa o seu lugar de fracasso, de exclusão social. A cidade, lugar da fome, passa a ser também o lugar onde o sujeito miserável se impulsiona à luta, pois a dificuldade para a obtenção de trabalho e alimento leva o sujeito Sem-Terra ao encontro de possibilidades que lhe garantem o ingresso à luta. O deslocamento do espaço rural para o urbano revela contrastes no discurso do Sem-Terra, decorrentes das transformações histórico-culturais e mudanças na estrutura produtiva desses sujeitos. Tem-se, como pontua Pêcheux *apud* Fernandes (2007, p. 157), “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

A análise desenvolvida neste capítulo, pautada na dêixis, evidencia-nos que o discurso do Sem-Terra é marcado por constantes transformações e deslocamentos no tempo e no espaço; o mundo social desse sujeito caracteriza-se por confrontos com diferentes formações ideológicas postas em interação entre os sujeitos acampados.

O quinto e último capítulo da obra, intitulado *Inscrição do Sem-Terra na língua e na história*, sintetiza alguns aspectos da existência sócio-histórica do Sem-Terra e aponta direções tomadas pelos movimentos

de luta pela terra. A interação do Sem-Terra em diversos segmentos da sociedade provocou o aparecimento de novos discursos, desencadeando o surgimento de novos cenários caracterizados por mudanças políticas, históricas e culturais. Nesse processo de transformação social, o Sem-Terra organiza-se com o apoio político de outros órgãos visando a transformar sua condição social.

A leitura da obra em epígrafe possibilita-nos compreender aspectos da constituição histórico-discursiva dos sujeitos denominados Sem-Terra, tais como: a pluralidade de discursos e sujeitos integrantes dos movimentos; a interação desses sujeitos com ideologias opostas; os deslocamentos no tempo e no espaço; a dificuldade do grupo se manter unido face à ameaça das forças repressoras; a relação desses sujeitos com a cidade; o desejo de reintegração à estrutura social produtiva da qual foram excluídos e/ou substituídos pelo emprego da maquinaria; e a possibilidade de transformação social pelo ingresso à luta.

Ao final da obra, como apêndice, encontra-se uma relação de trabalhos vinculados ao projeto *Interação social e formação discursiva do Sem-Terra*,

desenvolvidos por alunos de graduação em Letras e de pós-graduação em Linguística, sob orientação do professor Cleudemar. Listam-se, nesse apêndice, pesquisas financiadas com bolsas em caráter de Iniciação Científica; uma Dissertação; uma Tese financiada com bolsa concedida pela Capes; projeto de pesquisa financiado pelo Programa Especial de Pesquisa (PEP) da UFU e outras publicações, como capítulos de livros e artigos em revistas especializados da área de Linguística.

Referência

FERNANDES, C.A. *(Re)tratos discursivos do Sem-Terra*. Uberlândia: Edufu, 2007.

Received on March 26, 2008.

Accepted on August 26, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.